

O futebol no âmbito de uma antropologia imagética

Football in the scope of an imagistic anthropology.

Gleidson de Oliveira Moreira

Universidade Federal de Goiás, Brasil

Goiânia, GO

gleidsonhist@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-3671-2811>

Recebido em: 31 de maio de 2025

Aceito em: 26 de julho de 2025

Resumo:

Esta resenha fotoetnográfica tem por objetivo apresentar uma abordagem antropológica acerca da polissemia imagética de experiências e narrativas de jogadores de futebol da cidade de Inhumas/Goiás. A partir de uma perspectiva antropológica das imagens, tensionamos a expressividade desse coletivo celebrado a partir da visibilidade de algumas pessoas em detrimento de outras, provocando entender em que condições as imagens são produzidas e preservadas. Se a etnografia é um campo que potencializa o protagonismo daqueles que pouco aparecem nas fotos: gandulas, mascotes e jogadores de várzea, esta resenha faz uma justa homenagem a essas figuras. Busca-se para isso discutir o estatuto das imagens como campo epistemológico para o fazer antropológico.

Palavras-chave: Futebol. Antropologia Imagética. Fotoetnográfica.

Abstract:

This photoethnographic review aims to present an anthropological approach to the polysemy of images in the experiences and narratives of soccer players from the city of Inhumas/Goiás. From an anthropological perspective on images, we examine the expressiveness of this celebrated collective through the visibility of some individuals at the expense of others, prompting an understanding of the conditions under which these images are produced and preserved. If ethnography is a field that empowers those who rarely appear in photos—ball boys, mascots, and amateur players—this review pays a just tribute to these figures. To this end, it seeks to discuss the status of images as an epistemological field for anthropological work.

Keywords: Football. Image Anthropology. Photoethnography.

MOREIRA, Gleidson de Oliveira. **O futebol em Inhumas e suas histórias**. 1ª Ed. Kelps. Goiânia: 2024, p. 198.

Esse livro é uma homenagem a jogadores e torcedores de futebol na cidade de Inhumas/Goiás, e mais que isso, os que por ele são maravilhados, pois serve para reativar a memória de uma modalidade esportiva que por diversas gerações viveram o mesmo sonho, a fuga da realidade, pois uma boa partida de futebol é isso, um verdadeiro “transe coletivo” (MOREIRA, 2024, p. 07 *apud* Nelson Rodrigues, 1993).

Fundamentado na citação acima, o historiador e antropólogo Gleidson de Oliveira Moreira dedicou 12 anos de pesquisa em arquivos pessoais, no qual teve acesso a narrativas, fotos e recortes de jornais para escrever essa instigante obra. Abordou o futebol como síntese social ao exprimir os desejos, aspirações, contradições, alegrias, frustrações, tristezas e crenças, reveladoras de mitos para a alternância violenta ou pacífica de vencedores, ou perdedores. Contidos no livro: “O futebol em Inhumas e suas histórias”, a obra apresenta a vida de gerações de jogadores e suas lembranças. Por mais que vivessem no anonimato, tornaram-se indivíduos únicos em sua comunidade dada a habilidade e talento com a bola. Segundo Moreira (2024), não estava em jogo apenas a partida, mas o respeito em defender a camisa do time, o compromisso com o grupo em disputar a honra ou a vergonha coletiva pelo desempenho individual.

Do ponto de vista arquivístico, o estado de conservação e preservação das fotos não eram boas, o que requereu tratamento digital para recuperação de muitas. Raras foram as fotos encontradas em álbuns, a maioria estava afixada em paredes de lojas, casas comerciais, borracharias e emolduradas sobre alguma mesa de escritório e residências.

Independente do estado de conservação, a maioria delas evidenciavam rivalidade entre os times. As fotos mostravam competições entre iguais, lembrado por DaMatta (1994), como ritual agonístico: uma celebração na qual o conflito era programado pela preparação prévia dos jogadores regidos por normas de apresentação à plateia conhecidas dos disputantes, pelos torcedores, os oficiais (juizes esportivos) e os patrocinadores, atmosfera que remete a ideia dos campeonatos, torneios, disputas, combates ou duelos associados a conformidade praticada no passado e, ainda hoje, por muitas sociedades tribais.

O fato básico observado pelo autor, é que a esfera do esporte entroniza no mundo moderno formas legítimas de mediação de força e de comportamento conflitivo. Embora tenham uma moldura moderna, racional e empresarial, os jogos são capazes de despertar em circunstâncias especiais valores relativamente adormecidos e essenciais à renovação de laços sociais e da própria sociabilidade. Por isso, o futebol pode ser facilmente identificado nas cosmologias locais, sobretudo quando os registros fotográficos reativam lembranças daqueles episódios.

Para Moreira (2024), enquanto o futebol transforma torcedores em profetas, dotando-os da capacidade de falarem diretamente com Deus, ritual que produz dramas em campos e estádios, formando imagens como a relatada pelo goleiro do Inhumas E.C. Joaquim Rodrigues, ao entrar no Estádio Olímpico - Goiânia, em 1968, as fotos potencializam o espírito para lembrar as vitórias:

“Quando pego essa foto, me lembro como se fosse hoje: cheguei diante do Olímpico, agachei na linha do campo e fiz o sinal da cruz. Protegido, olhei para cima. Vi a multidão formando um horizonte quase tocando o azul do céu. Os gritos da torcida faziam o meu corpo vibrar. Me senti lutador. Partimos para o jogo. Naquele dia, ganhamos a partida! (Nota de campo – Joaquim Rodrigues) ”.

Figura 1 - Joaquim observando a sua foto dentro do Estádio Olímpico – Goiânia (1968).



Fonte – Arquivo Pessoal – Gleidson

Figura 2 - Joaquim é o goleiro, o 1º da fila.



Fonte – Arquivo Pessoal - Joaquim Rodrigues

Vestido com a camisa do time do coração, o Inhumas E.C, o relato do goleiro Joaquim transborda como ritual. Identificados o estádio e a torcida, a foto deixa ver outro uso do corpo, como aquele que desafia o próprio tempo, a maneira dos gladiadores nas arenas romanas.

Associada à ideia de eternizar o ausente, as fotografias levam o autor a indagar: que significado social agrega o futebol no âmbito de uma antropologia imagética?

Ao mencionar que a memória individual é o ponto de encontro com o coletivo em uma partida de futebol, Moreira (2024) objetiva estabelecer as bases de uma antropologia da proximidade, balizada no papel das experiências humanas capturas por percepções sensoriais entendidas como conexões das sensibilidades individuais cujas percepções do indivíduo sobre o mundo se dá na relação com o seu entorno, por isso as imagens a que teve acesso acionam lembranças boas e ruins vivenciadas por humanos antes de serem atletas (MOREIRA, 2024, p. 13).

Quanto ao escopo teórico metodológico, Moreira (2024) tangencia o trabalho em duas matizes: a) os da memória pela oralidade; e b) os da materialidade das fotos. No campo da memória, ganham ênfase Maurice Halbwachs e Paul Ricouer; e, no campo da materialidade, Alfred Gell e Jorge Latour. Os primeiros são abordados a partir de um *epistemen* da memória para análise da materialidade. Halbwachs e Ricouer são dialogados na dimensão biográfica das fotos, apresentando o itinerário de seus atores na formação de um labirinto em uma análise das múltiplas vidas das imagens (quem os manuseia, quem foi o fotógrafo, em que condições foram tiradas, se são coloridas ou fotos preto e branco, se foram dadas como presente a alguém).

Do ponto de vista dos autores que trabalham com iconografias digitais, Moreira (2024) recorreu à Fabiana Bruno (2023). Segundo a estudiosa, as fotos digitais são emergentes. A formação de arquivos digitais traz à discussão a atribuição de sentido à vida das imagens, suas estéticas e outras epistemologias no fazer antropológico. Embora existam muitas fotografias analógicas preservadas em acervos físicos, a disponibilidade para acesso aos repositórios digitais agiliza a pesquisa, mas para o caso dos jogadores que as afixam em paredes, estas estão circunscritas ao estatuto utilitarista.

Ao afixarem fotografias nas paredes, os jogadores as tiram de uma espécie de “zona morta” ressaltando suas grafias. Então, onde um documento ou imagem ganha o estatuto de arquivo? Segundo Moreira (2024), uma imagem não nasce como arquivo, ela se torna um arquivo, assim, o acervo e os documentos tangíveis possuem simetrias e contornos diferentes dos digitais.

Nem todos os documentos analógicos preenchem os requisitos de “arquivabilidade” concebidas no espaço físico. O arquivo é fundamentalmente uma matéria de seleção que privilegia, como escreve Moreira (2024) *apud* Bruno (2023), alguns documentos escritos e nega privilégios a outros “inarquiváveis”. Assim, as imagens tratadas e digitalizadas por Moreira (2024) estão guardadas por outro tipo de memória, em uma inteligência artificial.

Percebe-se, portanto, a existência de uma fronteira a separar o estatuto do descartável (analógico) e o digital. Se os documentos tangíveis forem libertos de seu estatuto utilitário no mundo, passando a outras significações depois que se tornarem, segundo Debary (2017), ‘lixo’, é a grafia inscrita na imagem que expressará sua insurgência ao descarte. As imagens digitais não se perdem como ocorre com os objetos tangíveis. Grafias digitais são o reconhecimento das histórias visuais de vida das pessoas. Embora permaneçam como fragmentos, vestígios visíveis de histórias concluídas, as fotografias digitais constituem lugares de um processo vivo nos quais pessoas são apresentadas a novas significações.

Em ambas as categorias de análise, memória e imagens são deslocadas para áreas periféricas da vida cotidiana dos jogadores, o que é observado por Moreira (2024) quando se tornam lembranças, constituindo assim materiais cuja funcionalidade é ativada para ilustrar argumentos, para contextualizar cenários nos quais estão inseridas suas memórias.

Figura 3 - Vasconcelos Gaioso (Vavá), em partida disputada no Estádio Serra Dourada – Goiânia (1975).



Fonte – Arquivo Pessoal – Vasconcelos Gaioso

Apresentadas na obra em análise, as fotos e entrevistas atribuem crédito à vida dos jogadores, valorando sua imprescindibilidade a leitores que os identificam. É a ação capitalista potencializada na simultaneidade do uso pela necessidade ou pelo descarte via obsolescência do papel fotográfico, que mobiliza uma sequência de encontros entre coisas e pessoas na relação sobre/e como a ordem do sistema cultural que permite compreender o tratamento feito pela sociedade em relação a seu passado, passado presentificado nas lembranças e na forma como estão registradas em imagens.

O esforço epistemológico empreendido por esse antropólogo coloca diante das memórias e fotos de jogadores o significado social desempenhado pelo futebol: as histórias dos dribles, as resenhas e as piadas. Os registros tangíveis compreendidos nas fotos qualificam o simbólico, significando o intangível: as emoções dos atletas, o orgulho de ter um pai artilheiro, o de ser mascote do time ou ser madrinha do time. As fotos e as memórias se cruzam como testemunhas do passado no qual níveis materiais e imateriais se interdependem.

Embora os entrevistados tenham compartilhado relatos das partidas: os gols, a classificação dos times em campeonatos, as narrativas passaram pela seletividade da memória individual requerendo as múltiplas vidas dos mesmos jogadores contidas nos

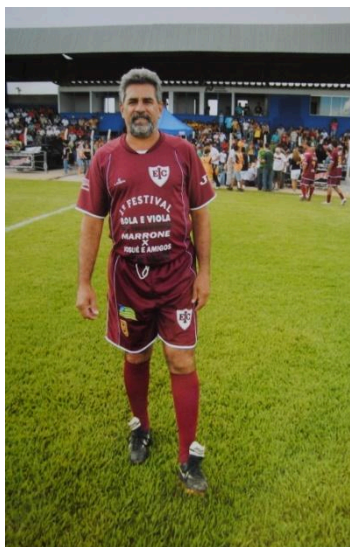
materiais fotográficos, agora observados na gramatura do papel, no tamanho, na espessura, no formato, e coloração, o que conotam tempo de nostalgias e de saudades.

Figura 4 - Início de carreira Estádio Serra Dourada - 1975.



Fonte - Arquivo Pessoal - Vavá.

Figura 5 - Encerramento de carreira Estádio Zico Brandão - 1995.



Fonte - Arquivo Pessoal - Wilmo Santana

Para tornar mais consistente o conteúdo do livro, a obra está dividida em três capítulos: o primeiro, intitulado: Apito Inicial, apresenta a trajetória do futebol desde Charles Miller até sua chegada no Brasil, sua vinda para Goiás e finalmente, em Inhumas. Neste capítulo, o autor fala da propriedade gregária do futebol como ritual cotidiano e a sua popularização capaz de mobilizar a construção de lugares privilegiados

de poder, desde o envolvimento da elite a instauração de políticas nacionalistas, como o caso do Estado Novo (1937-1945) e como isto reverberou em Goiás na construção de Goiânia e na emancipação política da cidade de Inhumas.

O segundo capítulo, intitulado: Histórias do Futebol, forma uma coletânea de entrevistas com destaque a quatro pessoas consideradas ícones do futebol local. Neste capítulo, o respeito à fala dos interlocutores oferece espaço à exposição das paixões, relatos por quem veio de outras cidades e estados para jogar nos times locais e a terceira parte, intitulada galeria de campeões.

Neste terceiro capítulo, o autor faz uma homenagem aos atletas por meio de uma exposição fotográfica. A galeria de campeões aborda a circularidade de fotos qualificadas como ativadoras e mantenedoras das memórias. Neste caso, destaca-se o retorno da posição social das imagens: quando, então, estão expostas como expressão do humano.

Lançando mão do método iconográfico e da etnografia para a análise de experiências com os interlocutores, o pesquisador expõe um extenso mosaico de casos analisados, dando ênfase a um universo de sensibilidades advindos da visão de mundo dos atletas a partir das fotos e recortes de jornais. Pesquisa que resultou no empréstimo, com muito ciúme, de fotos digitalizadas.

Na análise que Moreira (2024) faz dos materiais e materialidades das fotos e recortes de jornais, o trabalho ganha estatuto de sentido primordial. O pesquisador se mostra consciente da diferenciação entre o “eu” e o “nós” na pesquisa. A demarcação do individual na sociedade local ganha a dimensão da visão de que o próprio interlocutor tem o seu sentido próprio de distinção, eles se autodeclaram atletas. É nessa valoração de si que, independentemente do lugar de fala dos jogadores, que estão subsumidas em imagens futebolísticas expostas pelo autor. Essa postura do autor do livro reflete um dos importantes preceitos epistemológicos da antropologia: a maneira como os diferentes agentes se inserem em distintos contextos, compondo modos de ser e viver nas relações com o seu entorno e com os outros. Cumpre, portanto, o livro: O futebol em Inhumas e suas histórias, o propósito de apresentar como o mesmo fio condutor, o futebol, ressignifica o futebol no âmbito de uma antropologia imagética.

Referências

BRUNO, Fabiana. *As muitas vidas das imagens*. Revista Iluminuras, Porto Alegre, v. 24, n. 64, p. 52-73, maio, 2023.

DAMATTA, Roberto. *Antropologia do óbvio*. Revista USP, São Paulo, v. 22, p. 10-17, 1994.

DEBARY, Octave. *Antropologia dos restos: da lixeira ao museu*. trad. Maria Leticia Mazzucchi Ferreira. 1ª edição. Pelotas: Um2, 2017.